

APRESENTAÇÃO

DIS-PENSANDO O OCIDENTE

O pensamento latino-americano tem sido atravessado pela ambiguidade inerente à sua participação periférica na modernidade ocidental. Aqui, as línguas hegemônicas foram herdadas da Europa, bem como o seu sistema de direitos e de produção científica, padrões estéticos e morais. No entanto, também somos fortemente influenciados pela cultura ameríndia e africana. Por certo, nossas profundas contradições e desigualdades devem-se, em grande medida, a esse paradoxo. Apesar disso, ainda hoje, temos a sensação de que parte significativa da produção acadêmica hegemônica (ainda mais na filosofia) passa ao largo dele.

Como afirma Serge Latouche, todo o planeta é acossado por um processo progressivo de *ocidentalização*. O que significa esse processo e o que significa o “Ocidente” que progressivamente avança, junto com ele? Como ele afeta o nosso modo de pensar e sentir ou, inversamente, de que forma ainda são possíveis *outras* práticas que dialoguem, negociem, enfrentam ou rompam com o modo de sentir e pensar ocidental? Foi em torno destas questões que propusemos o dossiê “Dis-pensando o Ocidente”.

Naturalmente, as respostas possíveis dependeriam da apropriação de cada autor, inclusive no que diz respeito ao significado de “dis-pensar”. O hífen do neologismo pretendia convidar, com jeito de uma brincadeira, a possibilidades que vão desde um radical “dispensar” (seria possível?) a um

novo pensar (um pensar “pelo avesso”, talvez?), que enfrenta a tensão entre o conservar e o superar. O “dis-pensar” não poderia, assim, funcionar como uma espécie de *Aufhebung* ameríndio?

Filipe Ceppas, por exemplo, refletiu sobre a imagem do “índio tecnizado” produzida por Oswald de Andrade. E mostra como, nela, somos convidados a reconsiderar o modo como o Ocidente compreende a si mesmo e aos povos indígenas, em alguns dos seus paradigmas mais fundamentais.

Santiago Castro-Gómez, por sua vez, questiona certa teoria crítica “desde a América Latina” em sua pretensão de negar a noção, supostamente ocidental, de universalidade. Mostra, inversamente, que a defesa dos particularismos tende a ser paradoxalmente uma defesa reacionária. O grande desafio para combater o colonialismo e o eurocentrismo seria denunciar a universalidade “incompleta” europeia, sem, no entanto, rechaçar a ideia de universalidade em si, e seu objetivo último, que é a luta contra a desigualdade.

Julio Cabrera questiona duas convicções básicas do filosofar acadêmico atual: o que ele chama de *exigência de exaustividade* e *exigência de frieza vital*. Em contraposição a esta visão, traz o olhar de Oswald de Andrade, que enfrentaria a exigência de exaustividade por meio da antropofagia, e o de Raul Seixas, que se oporia de modo vivido à exigência de frieza vital. Em ambos os casos, como modelo de rejeição do pensamento hegemônico europeu.

Murilo Seabra, Laura Tolton e Luke Predengast discutem os resultados de uma pesquisa empírica num campo ainda pouco explorado, nomeado como *filosofia experimental*. Nesta pesquisa, mas também a partir do diálogo com diversos

autores, discutem e demonstram uma preferência irrefletida, nos departamentos de filosofia brasileira, por autores europeus.

Valendo-se de uma perspectiva teórica ancorada em conceitos que desenvolve em suas pesquisas, Laurenio Sombra articula a noção de *Ocidente*, sua gênese e desenvolvimento histórico, bem como os diversos processos de inclusão-exclusão que ela enseja — o que ele nomeia *paradoxo da modernidade* —, com as contradições e armadilhas da prática filosófica latino-americana.

Flávia Pita reflete, a partir de um caso concreto, os efeitos da *colonialidade do poder* (noção de Aníbal Quijano) no Direito brasileiro, especialmente no caso de coletivos de trabalhadores de Economia Popular e Solidária. Mostra como, diante das estruturas jurídicas “colonizadas”, nos colocamos diante do desafio de *descolonizar o direito*.

Jenifer Olarte Mesa e Juan Cepeda H. pensam, numa profunda articulação entre filosofia e poesia, a possibilidade de uma ontologia latino-americana, a partir de um *sentipensar ontológico*, evocando as tessituras de tecelãs, camponesas e indígenas. Para tanto, partem de Aristóteles e Heidegger, e deságuam no pensamento de Rodolfo Kusch, apresentando os resultados do grupo de pesquisa *Tlamatinime*.

Pedro Augusto Gonçalves questiona a radical separação entre humanos e animais, no discurso filosófico ocidental da modernidade, tendo Kant como o seu mais notável representante. Mostra, em sua investigação, como essa separação é correlata a outros modos de colonização, racismos e sexismos da modernidade.

Paulo Renato Vitória inspira-se em uma afirmação do ex-presidente Barack Obama para questionar a visão norte-americana de democracia e direitos humanos, sob uma perspectiva descolonial. Nesta análise, tenta desmontar o mito do “excepcionalismo” estadunidense que lhe dá uma suposta prerrogativa de encarnar os valores mais nobres da humanidade.

Orlando Calheiros parte de uma experiência pessoal para pensar os efeitos, na antropologia, de certa *arte de interpretação* tipicamente nietzschiana. A partir desses efeitos, noções como “observador” e “observado”, “etnógrafo” e seu “outro” ficam profundamente borradas, apontando para uma antropologia que se mostra ciência social do observado e do observador, espaço de reintegração e diálogo com os que, antes, “deveriam ser excluídos do ato de pensar, aqueles que da perspectiva do ocidente estariam além e aquém da razão”.

Margarida Paredes igualmente parte de uma experiência pessoal, neste caso da própria biografia. Sendo portuguesa e tendo participado da luta de libertação anticolonial em Angola, ela reflete sobre sua múltipla condição de guerrilheira, escritora e antropóloga, numa articulação complexa da teoria feminista e pós-colonial.

Finalmente, o dossiê é concluído com uma experiência efetiva de sentipensar ontológico: um poema filosófico de Juan Cepeda H., que articula sensivelmente uma ontologia latino-americana, num diálogo que passa por Platão, Aristóteles e Heidegger, e chega a Rodolfo Kusch. Mas que, acima de tudo, pensa-reflete o modo de ser andino.

Não é possível traçar uma síntese de contornos nítidos destes olhares e sensibilidades. A aventura que se propôs

exigia mesmo tintas impressionistas, a desafiar modos de entrever novas luzes, novas sombras, novas cores. É possível, no entanto, distinguir algo em comum em todos que acolheram o convite: uma intranquilidade em nossas relações com o Ocidente — eventualmente, uma indignação, de algum modo sempre uma esperança quanto a possibilidades renovadas de pensar e agir.

Nesse momento, não é pouco.

Laurenio Sombra
Flávia Pita
Organizadores